

José Carlos Mariátegui e Rosa Luxemburgo

Deni Ireneu Alfaro Rubbo

Doutorando em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP)

José Carlos Mariátegui e Rosa Luxemburgo

Resumo: Embora José Carlos Mariátegui mencione em poucos momentos o nome de Rosa Luxemburgo, é possível flagrar um vivo interesse do pensador peruano a respeito da obra e vida da marxista. O objetivo principal deste artigo é apresentar e analisar, de maneira necessariamente exploratória, em quais momentos se faz presente a apropriação de Rosa e sua importância no pensamento de Mariátegui. Podemos vislumbrar esse percurso em dois momentos: 1) na análise política que leva a cabo sobre a Revolução Alemã e o lugar que a judia polonesa ocupa nessa explicação; e 2) na comparação ético-política entre a mística dos revolucionários e de religiosos cristãos do passado, como Teresa D'Ávila. Somado a isso, ambos demarcam uma análise similar sobre vários aspectos da socialdemocracia e do marxismo positivista da Segunda Internacional, caracterizados por uma concepção fechada, rígida, mecânica do marxismo, o que é motivo de rechaço por ambos os pensadores, signatários de um marxismo “aberto”.

Palavras-chave: 1. José Carlos Mariátegui. 2. Rosa Luxemburgo. 3. Revolução Alemã. 4. Marxismo aberto.

José Carlos Mariátegui and Rosa Luxemburgo

Abstract: Although José Carlos Mariátegui mentions Rosa Luxemburg in few moments of his own work it is possible to discover a vivid interest of the Peruvian thinker regarding both her life and work. The major aim of this article is to present and analyze, in a necessarily exploratory way, in which moments occurs his appropriation of Rosa's thought and its specific importance in Mariátegui's thought. It is possible to discern this course in two moments: 1) in the analysis he made concerning the German Revolution and the place occupied by that Polish Jew in this explanation and 2) in the ethical-political comparison between the mystique of the revolutionaries and that of the ancient Christians religious people, such as Teresa D'Ávila. Besides, both have a similar analysis about several aspects of social-democracy and the positivist Marxism of the Second International, characterized by an enclosed, rigid and mechanical concept of Marxism, which is the reason for rejection by the two thinkers, who are signatories of an “open” Marxism.

Keywords: 1. José Carlos Mariátegui. 2. Rosa Luxemburg. 3. German Revolution. 4. Open Marxism.

“Hay personas, en efecto, que parecen no pensar más que con el cerebro, [...], mientras otros piensan con todo el cuerpo y toda el alma, con la sangre, con el tuétano de los huesos, con el corazón, con los pulmones, con el vientre, con la vida”.
(Miguel de Unamuno).

No dia 15 de janeiro de 1919, na capital da Alemanha, Berlim, era assassinada a revolucionária Rosa Luxemburgo (doravante RL), uma das principais figuras da história mundial do marxismo. No mesmo momento, mas doutro lado do oceano, José Carlos Mariátegui (doravante JCM) tinha exatamente a metade da idade de Rosa, isto é, 24 anos e exercia intensamente sua atividade de jornalista no Peru. Em abril de 1930, 11 anos depois da morte da revolucionária polonesa, falecia o marxista peruano, em decorrência de problemas de saúde, que durante toda sua vida foi extremamente frágil. Ambos morreram relativamente jovens – Mariátegui, com 35 anos, e Rosa Luxemburgo, com 48 anos – e em momentos decisivos da luta de classes em seus respectivos países.

À primeira vista, uma suposta aproximação entre Mariátegui e Luxemburgo pode parecer estranha. Afinal, jamais se conheceram e não houve aquele, pelo menos nas décadas subsequentes, que tenha aproximado e aprofundado essas duas figuras emblemáticas do marxismo dissidente. A propósito, poder-se-ia apontar que ambos eram eminentemente marxistas e internacionalistas

convictos e confessos.¹ Não por acaso, Mariátegui foi o grande nome da fundação do Partido Socialista Peruano (PSP), em 1928, assim como Rosa foi uma das principais figuras da fundação do Partido Comunista Alemão (KPD), em 1918. Todavia, o pensador peruano debruçou-se relativamente pouco sobre a economia política e suas formas de desenvolvimento do capitalismo em sua etapa imperialista, como na *magnum opus* *A Acumulação do Capital*, nem Rosa escreveu um marcante texto sobre crítica literária de seu país, como “O processo de literatura”, o maior dos *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Mas então, o que teria em comum a filha de uma família de judeus poloneses cultos, oriunda de um povoado ocupado pela Rússia, e o filho de uma mestiça católica de origem humilde habitante de uma pequena cidade ao sul de Lima?

Como é possível rapidamente notar, suas origens, formações culturais, experiências políticas, em suma, suas vidas foram profundamente diferentes. Contudo, é relevante demonstrar afinidades que, por assim dizer, são produtos de uma época compartilhada na qual nossos personagens aspiravam a um universo discursivo comum. Como bem assinalou o historiador Flores Galindo (1994, p. 553), “às vezes as ideias se propagam de maneira tão imperceptível como os vírus”. Ademais, esse paralelismo só é possível, *em última instância*, pela *práxis* social que cada um desenvolveu em seu país.

É verdade que o nome do jornalista peruano nunca figurou nos escritos de Rosa Luxemburgo, já que muito provavelmente a líder da Liga Espartaquista (*Spartakusbund*) não teve a oportunidade de ler os principais diários e revistas limenhos como *La Prensa*, *La Noche*, *Mundo Limeño*, *El Tiempo*, *El Turf* etc., nos quais Juan Croniqueur, o pseudônimo de Mariátegui até 1918, era presença

¹ Em uma entrevista que o marxista Miguel Mazzeo nos concedeu (RUBBO, 2013, p. 102), o autor argentino assevera uma aproximação entre os dois pensadores, através da chave internacionalista. Em suas palavras: “se pode pensar o internacionalismo de Mariátegui a partir da proposta de Rosa Luxemburgo, que supera o eurocentrismo característico do marxismo de seu tempo, detecta a relação entre ‘as tradições comunistas que opunham nos países coloniais a mais intensa das resistências ao avanço da europeização e o novo evangelho do ímpeto revolucionário das massas proletárias nos antigos países capitalistas’”. É interessante lembrar que uma aproximação capital entre JCM e RL, sugerida mas não sistematizada pelo sociólogo Michael Löwy (1995, p. 151), que afiança “convergências impressionantes” a partir do tema das comunidades primitivas, parece uma pista altamente promissora, mas que não está assentada numa leitura de Rosa por JCM.

corrente. Em compensação, JCM menciona RL em alguns momentos de sua imensa obra, particularmente depois de sua viagem à Europa, em 1923. Partindo dessa constatação, o objetivo principal deste artigo é apresentar e analisar, de maneira necessariamente exploratória, em quais momentos se faz presente a apropriação de Rosa e sua importância no pensamento de Mariátegui. Podemos vislumbrar esse percurso em dois momentos: 1) na análise política que leva a cabo sobre a Revolução Alemã e o lugar que a judia polonesa ocupa nessa explicação; e 2) na comparação ética-política entre a mística dos revolucionários e de religiosos cristãos do passado, como Teresa D'Ávila. Somado a isso, ambos fazem uma análise similar de vários aspectos da socialdemocracia e do marxismo positivista da Segunda Internacional, caracterizados por uma concepção fechada, rígida, mecânica do marxismo, o que é motivo de rechaço por ambos os pensadores, signatários de um marxismo “aberto”.

Mariátegui e a Revolução Alemã como *revolução inconclusa*

Antes de adentrarmos a questão propriamente dita, é preciso ressaltar que Mariátegui não tinha como objetivo analisar detalhadamente a complexidade que caracterizou a Revolução Alemã,² já que suas considerações sobre o assunto estão circunscritas a uma conferência e a pequenos artigos, publicados nos periódicos de Lima. Ademais, não custa lembrar que tais impressões são emitidas durante a década de 1920, o que faz com que sua análise política seja bastante cautelosa em relação ao futuro do país de Karl Marx. Partindo dessa observação – e dentro desses limites –, o autor de *La novela y la vida* procura assinalar diversos fatores que uma explicação parcial e provisória dos episódios da Revolução na Alemanha, apresentando brevemente a situação econômica do país, o equilíbrio das forças políticas, o desenvolvimento das agrupações revolucionárias e o entrecruzamento das influências internacionais.

A primeira menção a RL localiza-se na série de palestras de que o marxista peruano participa nas Universidades Populares Gonzáles Prada durante

² Para uma análise detalhada sobre a Revolução Alemã, cf. Loureiro (2005).

praticamente todo o ano de 1923. É particularmente em sua sexta conferência com o título, “A Revolução Alemã” (Mariátegui, 1994, p. 867-873), pronunciada no dia 20 de julho de 1923, no local da Federação dos Estudantes, que JCM irá mencionar explicitamente a autora de *Reforma ou Revolução*. Inicialmente, Mariátegui vale-se de uma descrição dos antecedentes da revolução, que tem a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como principal agente desencadeador. Segundo um dos fundadores da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP), parte significativa dos setores políticos e intelectuais foram favoráveis à entrada da Alemanha na guerra, inclusive setores oriundos da “esquerda”. No entanto, a despeito do quadro político desolador, haveria algumas “valentes” e “honrosas” exceções – vozes de protesto diante dessa escolha trágica. Rosa será mencionada nesse conjunto restrito de intelectuais e políticos que reagiram imediatamente contra a guerra e “denunciaram seu objetivo imperialista e contrarrevolucionário”. Desde então, Mariátegui deixa claro seu interesse – e admiração – pelo desenvolvimento da agrupação revolucionária, Liga Espartaquista e de seus fundadores Karl Liebknecht, Franz Mehring, Clara Zetkin (todos exemplos mencionados pelo palestrante) chamando-os inclusive de “figuras gloriosas” por se juntarem na empreitada “heroica” de combater a guerra e levar a cabo uma revolução socialista no país. Nesse ínterim, o autor de *La escena contemporánea* sublinha a importância de RL por conseguir fundir *pari passu* produção teórica e prática política, palavra e ação:³

“[Ela], figura internacional, intelectual e dinâmica, também tinha uma posição eminente no socialismo alemão. Via-se e se respeitava nela sua dupla capacidade para a ação e para o pensamento, para a realização e para a teoria. Rosa Luxemburgo era ao mesmo tempo um cérebro e um braço do proletariado alemão” (MARIÁTEGUI, 1994, p. 869).

Mariátegui enumera as reivindicações políticas dos Espartaquistas e aponta similitudes com o programa revolucionário dos bolcheviques da Rússia. Em

3 Muito semelhante à conclusão a que Georg Lukács chegou sobre RL em um dos seus ensaios presente na obra *História e Consciência de Classe*, publicado em 1923 (e ao qual infelizmente Mariátegui não teve acesso). Nas palavras do marxista húngaro: “É uma característica da unidade da teoria e da prática na obra de Rosa Luxemburgo o fato de essa unidade da vitória e derrota, de destino individual e processo constituírem o fio condutor de sua teoria e de sua vida” (LUKÁCS, 2003, p. 131-132).

seguida, explica as divergências políticas entre a Liga e os socialistas majoritários ou “reformistas” e os socialistas independentes, considerados por JCM como “vacilantes”. Procura descrever os principais episódios da ação do grupo, especialmente as batalhas de janeiro de 1919, quando Rosa e Karl Liebknecht são assassinados. Mariátegui refuta a versão oficial de que os revolucionários foram mortos por tentarem fugir, o que teria obrigado os seus depositários a executá-los. Na verdade, ambos “caíram em mãos de oficiais do antigo regime, inimigos fanáticos da revolução, reacionários delirantes, que odiavam todos os autores da queda do Kaiser por considerá-los responsáveis na capitulação da Alemanha” (MARIÁTEGUI, 1994, p. 870). Depois disso, outros membros da Liga e uma parcela do proletariado alemão tombaram nas ruas de várias cidades do país, fazendo com que a “vontade revolucionária” despertada pela “ação incansável” dos líderes Espartaquistas refluísse consideravelmente.

A extinção física da organização da qual Rosa fazia parte desencadeou na Alemanha, segundo o teórico peruano, um processo conservador caracterizado como um “período de reação burguesa”: “a Revolução Alemã, depois da insurreição espartaquista, não tem feito senão virar à direita, sempre à direita” (*idem*, p. 872). Ainda que tal processo não tivesse sido concluído, curiosamente Mariátegui finaliza sua palestra com uma citação de Walther Rathenau, conhecido escritor e político da burguesia liberal alemã, membro do Partido Democrata Alemão (DDP), como uma espécie de síntese da fisionomia e do alcance da Revolução Alemã. Eis a frase do industrial germânico: “Nós chamamos de Revolução Alemã algo que foi a greve geral de um exército vencido”. Em outras palavras, a derrota do proletariado deve-se à sua falta de preparo para a revolução. Mariátegui parece aceitar essa hipótese, mas com a condição de que esse trabalho teria existido através da atuação do grupo da diretora do jornal *Die Rota Fahme* [A Bandeira Vermelha].

O nome da marxista admirada por JCM volta a aparecer ligeiramente em dois textos em que discorre sobre duas figuras proeminentes e conservadoras da socialdemocracia alemã – Rudolf Hilferding e Friedrich Ebert –, que ocuparam

altos cargos tanto no partido quanto no governo.⁴ Evidentemente Mariátegui ressaltava a distância política entre os líderes “pacifistas”, “reformistas”, inteiramente adaptados como “uma peça do Estado”, e a postura revolucionária de RL. E se ainda restasse alguma dúvida sobre o potencial crítico e radical das posições políticas de Luxemburgo, no artigo “Política Alemã”, publicado no jornal limenho *Variedades* em janeiro de 1925, JCM aponta que o movimento Espartaquista “de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, desenvolve, como é sabido, *uma política intransigentemente classista e revolucionária*” (MARIÁTEGUI, 1994c, p. 1071, grifos meus).

Embora se trate somente de breves descrições e comentários relativamente curtos sobre os episódios da Revolução Alemã, a análise de JCM é uma interessante aplicação metodológica de interpretar a história do ponto de vista dos vencidos, como defendia Walter Benjamin em suas “Teses sobre o conceito de história” (1994). Sua aposta na práxis política das classes subalternas alemãs – cuja expressão máxima remete ao Grupo Espartaquista – permanece, mesmo que o grupo tenha sido derrotado – fruto de um emaranhado de fatos e contratempos. O que pressupõe uma concepção na qual, “na história real, o vencido não está forçosamente errado, e o vencedor não está necessariamente com a razão” (BENSAÏD, 1999, p. 57). Isso não significa, é claro, que Mariátegui nutria uma visão ingênua de que Rosa e seu grupo fossem infalíveis; ele tinha plena consciência de que, como toda organização política, estavam suscetíveis a equívocos e precipitações.

⁴ Trata-se de “Hilferding e a socialdemocracia alemã”, publicado em *Variedades* no dia 20 de outubro de 1923 (MARIÁTEGUI, 1994a, p. 1032-1035) e “Ebert e a socialdemocracia alemã”, um item do ensaio “A crise do socialismo”, publicado na coletânea – e primeiro livro de JCM editado em vida –, *La escena contemporánea*, no ano de 1925 (MARIÁTEGUI, 1994b, p. 984-985). No primeiro artigo, RL é citada apenas para orientar o leitor a observar as distintas frações e dissidências nas tendências da socialdemocracia, mas também dos socialistas e comunistas na Alemanha, e o lugar que Hilferding nelas ocupava. Já no segundo, ela aparece como um dos “quadros revolucionários” na socialdemocracia alemã, que “mantinham a chama viva do marxismo” e, por isso, não correspondiam ao “estado de ânimo que mensalmente ruminava” as reformas de um socialismo “domesticado e parlamentar”.

Elogio à vida heroica: Rosa Luxemburgo, alma agônica, alma em luta

“Só se vive uma vez”.
(Rosa Luxemburgo.)

Dentre todas essas menções em que Mariátegui atribui a RL uma práxis revolucionária indiscutível e um lugar protagonista na Revolução Alemã, em seu livro *Defesa do marxismo*, elaborado entre 1928 e 1929, o autor registra em um único trecho (mas de maneira decisiva) a importância de RL em uma chave completamente distinta das referências pretéritas. Ao invés de uma Rosa política, militante, profana que vigorava em seus comentários sobre a Revolução Alemã, Mariátegui incorpora doravante elementos éticos e religiosos, baseado especialmente nos conceitos de mito (Georges Sorel) e agonia (Miguel Unamuno),⁵ para apreender outra dimensão da marxista polonesa.

Como é sabido, Mariátegui insiste no aspecto religioso/espiritual como um indispensável para o combate revolucionário. Basta observar, por exemplo, no artigo intitulado “O Homem e o Mito”, de 1925: “A força dos revolucionários não está na sua ciência; está na sua fé, na sua paixão, na sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do Mito” (MARIÁTEGUI, 1994d, p. 499). Na mesma toada, existe também um esforço de relacionar dialeticamente materialismo e idealismo, em um movimento biunívoco entre um e outro. Como observa Michael Löwy, “a surpreendente dialética entre materialismo e idealismo – este último identificado com a ética e a religião – é um dos temas mais originais da reflexão do marxista peruano” (2012, p. 22). Mariátegui propõe uma visão um tanto heterodoxa dos valores revolucionários, já que parte do pressuposto de que “cada ato do marxismo é acentuado pela fé, pela vontade, pela convicção heroica e criadora” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 62). Nesse sentido, seria equivocado pressupor que a concepção materialista não pudesse produzir valores espirituais. Ou seja, não bastaria apenas superar as diferenças entre os estratos econômicos e sociais (a contradição entre as forças produtivas

⁵ Para uma análise da importância do conceito de mito e de agonia em Mariátegui, cf. Oschiro (1996).

e as relações de produção), mas de estabelecer um “projeto” ético, uma “conduta superior” que, seguindo o rastro de Piero Gobetti a Georges Sorel, Mariátegui chamou de “a moral dos produtores”.⁶

Não por acaso, para Mariátegui, os fundadores dessa intempestiva corrente seriam, é claro, Marx e a Revolução Russa,⁷ que inauguram “um tipo de homem pensante e operante”, que produz ação e pensamento, teoria e prática. Além de mencionar Lênin, Trotsky, Bukharin, Lunacharsky como exemplos profícuos dessa tendência, Rosa Luxemburgo é destacada como a expressão mais impressionante dessa explosiva articulação. Mais do que isso, Mariátegui propõe uma surpreendente comparação entre a mística da revolucionária polonesa, heroína do socialismo internacional, e de Teresa D’Ávila, religiosa cristã conhecida como padroeira na Espanha do século XVI:

“E acaso não se mesclam a toda hora, em Rosa Luxemburgo, a combatente e a artista? Quem dentre os professores que Henri de Man admira vive com mais plenitude e intensidade de ideia e criação? Virá um tempo em que a assombrosa mulher que escreveu na prisão as maravilhosas cartas a Luisa Kautsky – a despeito dos presunçosos catedráticos que hoje monopolizam a representação oficial da cultura – despertará a mesma devoção e encontrará o mesmo reconhecimento que uma Teresa d’Ávila” (*idem*, p. 47).

Esse flagrante entusiasmo é devido ao conhecimento de Mariátegui da correspondência entre RL e Luise Kautsky, publicada em 1923.⁸ Tudo indica que *provavelmente* Mariátegui tinha em mãos a edição francesa publicada em 1925 com o título *Lettres a Karl et Louise Kautsky*. Na verdade é especialmente pela difusão das centenas de cartas que se pôde apreciar a dimensão subjetiva e

⁶ “A função ética do socialismo [...] deve ser buscada não em grandiloquentes decálogos nem em especulações filosóficas, que de nenhum modo constituíam uma necessidade da teorização marxista, mas sim na criação de uma moral de produtores pelo próprio processo de luta anticapitalista” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 54-55).

⁷ Para uma análise dos escritos de literatura, história e política de JCM e a Rússia da década de 1920, cf. Pericás (2012).

⁸ Segundo Isabel Loureiro (2011), as cartas de RL endereçadas a Luise Kautsky (segunda mulher de Karl Kautsky), amiga e confidente de toda a vida, foram publicadas pela primeira vez em 1923, muito por conta do sucesso de outra publicação na primavera de 1919, as cartas de Luxemburgo a Sonia Liebknecht (mulher de Karl Liebknecht) que em pouco tempo foram traduzidas para mais de 20 línguas e consideradas uma “obras-prima na arte epistolar”.

íntima da vida de RL. Afinal, as cartas não ressaltariam os aspectos da militante disciplinada e as polêmicas políticas que atravessaram sua trajetória enquanto figura pública, pois mostram a face de uma delicada mulher que tinha a desenvoltura de uma pessoa atenciosa com os amigos, com humor e presença de espírito constantes, sincera, alegre e, às vezes, melancólica.⁹ É nas cartas, ademais, que se pode perceber claramente seu lado “artístico”, as paixões secretas de RL pela literatura, música, botânica, natureza, astronomia e pintura, evidenciando sua atenção e conhecimento pela vida cultural europeia. O autor de *Sete ensaios* não deixa de destacar, inclusive, o “espírito moderno” de sua personalidade de maneira que sua trajetória seria um verdadeiro “poema trágico” carregada dos valores mais sublimes:

“Espírito mais filosófico e moderno – ao mesmo tempo ativo e contemplativo – do que toda a corja pedante que a ignora, ela colocou no poema trágico de sua existência o heroísmo, a beleza, a agonia e o gozo que não são ensinados por nenhuma escola da sabedoria” (*idem*).

As palavras de JCM falam por si só. Seu encantamento é por uma Rosa total, expressão de um comportamento público (através dos escritos teóricos e de sua trajetória política nas lutas de classes da Alemanha) e privado (em relação ao comportamento pessoal de RL que foi capaz de gerar valores ético-sociais e viver coerentemente de acordo com eles). Assim, tal relação pode ser exemplificada através de uma carta que Rosa envia a Luise Kautsky (ou “Lulu”, apelido carinhoso que dava à amiga), em janeiro de 1917, na qual incentiva com ímpeto à companheira não se entregar à “miséria de nossos dias”. Toma como exemplo o escritor alemão Goethe, que, diante de intensas transformações que ocorreram em seu tempo, manteve-se sempre “sereno”, “tranquilo”, com “equilíbrio espiritual” de sobra para realizar uma diversidade de estudos importantes. Seu conselho é de que se inspire na concepção de vida do romancista alemão: “Eu não exijo de você que escreva poemas como Goethe,

⁹ “Quem só conhecia a jornalista, a militante revolucionária, a oradora, a polemista, a teórica marxista, ficou boquiaberto ao descobrir que a ‘sanguinária Rosa’ era uma mulher fascinante, sensível, sonhadora, profundamente ligada à vida – mas sem medo de morrer –, pronta a consolar os amigos, apaixonada pela natureza e as artes, uma intelectual sintonizada com a vida cultural de seu tempo. E também uma mulher divertida, irônica, cuja língua afiada não poupava ninguém, nem sequer a si mesma” (LOUREIRO, 2011, p. VIII-IX).

mas a concepção de vida dele – o *universalismo dos interesses*, a harmonia interior – podem todos adquirir, ou ao menos almejar”. Mais adiante escreve: “um combatente precisa, antes de mais nada, procurar ter uma *postura diante das coisas*, caso contrário ele afunda o nariz em tudo quanto é pântano” (Luxemburgo, 2011a, p. 223, grifos nossos).

É o “universalismo dos interesses” e a “postura diante das coisas” que fez com que Mariátegui (que muito provavelmente teve acesso a essa carta) tivesse RL como inspiração. O que está em jogo, portanto, não é apenas a capacidade teórica e política de se posicionar diante do mundo, mas um comportamento subjetivo, privado. Como bem observou Javier Chiappe, “a capacidade intelectual de um pensador comprometido com seu povo exige provas para além de sua atividade escrita. Deve doar-se ao comportamento público e privado. Não pode haver grandeza na vida pública se não houver na vida privada” (2012, p. 27).

É interessante conhecer qual o significado que Mariátegui tinha de Santa Teresa, já que estabelece um paralelismo com RL. Em um artigo publicado em 1926 a propósito do livro *La agonía del cristianismo* de Don Miguel de Unamuno, o pensador peruano afiança que a palavra *agonia* não significa morte, mas luta, combate, “agoniza aquele quem vive lutando – lutando contra a própria vida. E contra a morte” (MARIÁTEGUI, 1994e, p. 620). Em seguida, Mariátegui menciona a padroeira espanhola (evocada por Unamuno) como típica representante do espírito agônico, uma alma carregada, ao mesmo tempo, de “esperança e desesperança”, de “morrer por não morrer”. Nesses termos, a vida de RL seria, para Mariátegui, uma alma agônica, uma alma em luta, inspiradora para as gerações futuras. Ela estaria, portanto, nessa tradição herética dos “socialistas agônicos”:

“A biografia de Marx, Sorel, Lenin ou outros milhares de lutadores do socialismo não fica nada a dever, como beleza moral e plena formação do espírito, à biografia dos heróis e ascetas que no passado trabalharam de acordo com uma concepção espiritualista ou religiosa – na acepção clássica dessas palavras” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 81).

Rosa Luxemburgo soube transcender sua própria natureza através de atos criativos. Sua autêntica condição de marxista e revolucionária era “superior”, isto é, no sentido de conduta de vida, completamente diferente da ordem social

moral/espiritual estabelecida. Eis aí o processo de viver ativa e criativamente, do compromisso total com o risco da própria vida (ao que JCM chamava de “convite à vida heroica”), que se expressa na coerência intelectual e política da mais fascinante e dramática figura do movimento socialista internacional. Essa visão “heroica” em relação à Rosa somente se reforça quando Mariátegui publica na revista *Amauta*, da qual era editor-chefe, entre 1929 e 1930, um texto da própria autoria de RL intitulado de *Navidad en el asilo de noche* (LUXEMBURGO, 1929) e um extenso artigo da poetisa argentina Nydia Lamarque (1930, 1930a, 1930b), chamado de *La vida heroica de Rosa Luxemburgo*, publicado em três números consecutivos da revista (n. 28, 29 e 30), em uma época que a obra da polonesa já havia recebido condenação oficial da Internacional (BEIGEL, 2003, p.164). Ademais, não seria mera coincidência que o texto de Lamarque se basearia, em grande medida, justamente nas cartas trocadas entre Rosa e Luise Kautsky.

Revolucionários, radicais e hereges: o marxismo *aberto* de José Carlos Mariátegui e Rosa Luxemburgo

Essa surpreendente afinidade entre duas figuras de continentes e trajetórias tão diferentes não se limitava à simpatia pela Liga Espartaquista e pelo entusiasmo por valores ético-sociais, humanistas, indomados, heroicos presente em algumas notas biográficas. Não seria exagero afirmar que os dois proeminentes marxistas não pouparam forças para rechaçar uma concepção evolucionista e mecânica da história que via o socialismo como produto inexorável das “leis naturais”, “garantido” pelas leis “objetivas” do desenvolvimento econômico. A bem da verdade, isso não significa uma isenção total de um certo resíduo positivista cientificista que tanto Rosa como Mariátegui, tocados pela “vontade de fazer ciência” que animava a época, reproduziram.

Desse modo, em vários momentos da obra de JCM e RL é possível encontrar passagens que revelam referido determinismo. Assim, por exemplo, na análise sobre a relação dos indígenas com o socialismo moderno e de sua “miséria moral e material” durante a república peruana, numa longa nota de

rodapé dos *Sete Ensaio*s, Mariátegui (2010, p. 55) faz a seguinte observação: “O socialismo aparece em nossa história não por força do acaso, de imitação ou de moda, como supõem os espíritos superficiais, mas sim como uma fatalidade histórica”. Do outro lado, em seu opúsculo *Reforma ou revolução*, publicado em 1899, em que é desferida uma sagaz investida contra um dos principais dirigentes do Partido Socialdemocrata Alemão (SPD), Eduard Bernstein, a jovem marxista defende a hipótese da teoria do desmoronamento capitalista como “pedra angular do socialismo científico” que supõe, igualmente, um forte componente determinista de que a crise final do capitalismo é inevitável. De qualquer forma, as razões de ambos partilharem em alguns de seus escritos uma concepção determinista estavam no ambiente intelectual em que se encontravam, principalmente no caso de RL.

Todavia, parece não restar dúvida que a ideia-força predominante no conjunto de suas respectivas obras é a crítica de toda concepção marxista que reduz o desenvolvimento histórico ao desenvolvimento das forças produtivas e às “leis objetivas” da história. Cada um a seu modo, tanto na obra *Defesa do marxismo* quanto em *Reforma ou Revolução* levaram a cabo uma reflexão similar sobre os vários aspectos da socialdemocracia e do marxismo positivista da Segunda Internacional. Ambos possuem uma concepção “aberta” do marxismo, ou seja, assimilam o materialismo dialético como um método de análise das múltiplas relações sociais que se renova permanentemente. Ademais, a especificidade que faz com que Rosa se aproxime de Mariátegui no que toca a uma concepção “aberta” e/ou “crítica” do marxismo não é apenas a vontade revolucionária na história e uma visão crítica ao eurocentrismo, principalmente nas análises voltadas à formação social e econômica dos países da periferia do capitalismo mundial, mas também por ambos compartilharem uma *atitude independente* no mundo do movimento comunista internacional (BEIGEL, 2003, p. 164).¹⁰ Sendo assim, podemos “aplicar” a própria concepção de marxismo nessa referência que Rosa, em um dos seus textos, faz à obra de *O capital* de Karl Marx: “não é nenhuma bíblia com verdades de última instância, acabadas e válidas para sempre, mas um manancial inesgotável de sugestões para levar

¹⁰ No caso de Rosa Luxemburgo essa atitude independente ganhou corpo na sua relação com a Segunda Internacional.

adiante o trabalho intelectual, continuar pesquisando e lutando pela verdade” (LUXEMBURGO, 2011, p. 164).

“A heresia é indispensável para comprovar a saúde do dogma”, disse Mariátegui (2011, p. 30). Pois bem: tanto JCM quanto RL não mediram forças para questionar, ou melhor, para “pôr o dedo nas feridas”, como costumava dizer Rosa, no próprio interior do marxismo, buscando detectar suas misérias e suas fortunas para sua renovação e continuação. Na brochura *A crise da social democracia* (assinada por Junius), por exemplo, publicado em janeiro de 1916, Rosa insiste em alocar o marxismo em uma chave rigorosamente antimecanicista: “não existe nenhum esquema prévio, válido de uma vez por todas, nenhum guia infalível que lhe mostre o caminho a percorrer” (LUXEMBURGO, 2011, p. 18). Ora nem a história estaria predeterminada, nem a humanidade estaria caminhando para o socialismo: “a vitória do socialismo não cairá do céu como fatalidade” (*idem*, p. 28-29). Sugere, em seguida, um imprescindível *processo de autorreflexão* necessário ao movimento operário (e ao marxismo), uma “autocrítica impiedosa”, “sem disfarce”, que “é o ar e a luz sem os quais ele não pode viver” (*idem*, p. 18).

Recusando a ideologia conformista do progresso linear e o evolucionismo passivo da socialdemocracia, Rosa designa a Primeira Guerra Mundial como exemplo de uma “regressão à barbárie”, ou seja, uma *barbárie moderna* que é expressão das ambições econômicas da sociedade capitalista. Dito de modo mais preciso, ao anunciar a palavra de ordem “socialismo ou barbárie”,¹¹ Rosa assevera que o capitalismo esgotou todas as potencialidades de civilização e progresso que outrora continha: “aqui o capitalismo mostra sua caveira, aqui ele revela que seu direito histórico à existência acabou, que a continuidade de sua dominação não é mais reconciliável com o progresso da humanidade” (*idem*, p. 144).

Em Mariátegui, por sua vez, o marxismo não poderia ser vislumbrado como um sistema fechado em si mesmo, exatamente como pensava a revolucionária polonesa-alemã: “Marx nunca se propôs à elaboração de um sistema filosófico

¹¹ Para Michael Löwy, a palavra de ordem “socialismo ou barbárie” representa uma significativa guinada na obra de RL no sentido de romper totalmente com a concepção da história como progresso inevitável, colocando, assim, uma alternativa, “o socialismo é uma possibilidade entre outras” (Löwy, 1975, p. 122), já que até 1914, a ruptura com o “fatalismo socialista” ainda não é total.

de interpretação histórica destinado a servir de instrumento à atuação de sua ideia política e revolucionária” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 43). Nestes termos, o marxismo defendido pelo pensador peruano deveria ser estrategicamente aberto¹², ativo e flexível: “o marxismo, onde se mostrou revolucionário – vale dizer, onde foi marxismo –, não obedeceu nunca a um determinismo passivo e rígido” (*idem*, p. 60). Em outro trecho ainda sentencia: “Vã é toda tentativa de catalogá-la como simples teoria científica enquanto trabalhe na história como evangelho e método de um movimento de massas” (*idem*, p. 44). Mas atenção: em nenhum momento essa posição significaria o rechaço ao potencial científico do marxismo, afinal, “a teoria e a política de Marx cimentam-se invariavelmente na ciência, e não no cientificismo” (*idem*, p. 48). Em suma:

“[o marxismo] não é, como alguns erroneamente supõem, um corpo de princípios de consequências rígidas, iguais para todos os climas históricos e todas as latitudes sociais. Marx extraiu seu método das próprias entranhas da história. O marxismo, em cada país, e, cada povo, opera e atua sobre o ambiente, sobre o meio, sem descuidar de nenhuma das suas modalidades. Por isso, depois de mais de meio século de lutas, sua força revela-se cada vez maior” (MARIÁTEGUI, 1969, p. 111-112).

Mariátegui também procura dar conta de uma nova percepção de temporalidade da história, em ruptura com o evolucionismo e a filosofia do progresso. No artigo publicado em 1925, “Duas concepções de vida”, Mariátegui (1994f, p. 494) escreve: “Antes da guerra, a filosofia evolucionista, historicista, racionalista unia as duas classes antagônicas”. Tanto conservadores como revolucionários aceitavam a tese evolucionista como locomotiva da história. “O bem-estar material, o poder físico das urbes engendraram um respeito supersticioso pela ideia do Progresso. A humanidade parecia ter achado um caminho definitivo” (*idem*). Ora, essa superstição do progresso foi decididamente abalada com a Primeira Guerra Mundial (exatamente como

¹² Exemplo disso é a defesa de Mariátegui para que o marxismo desenvolva um paralelismo metodológico com a psicologia, particularmente a freudiana. Isso, por sua vez, não diminuiria “a validade do marxismo como ciência prática da revolução. Pelo contrário: afirma que a reforça e assinala interessantes afinidades entre o caráter das descobertas essenciais de Marx e das descobertas de Freud, assim como das reações provocadas na ciência oficial de um e outro” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 68).

interpretou Rosa!), em que a Europa sentiu “as garras do drama bélico”. Desse modo, a conclusão do marxista peruano não poderia ser diferente: “o capitalismo deixou de coincidir com o progresso” (MARIÁTEGUI, 2013, p. 41).

Finalmente, não custa recordar que por muito tempo tanto os escritos de RL quanto de JCM foram interpretados sistematicamente como “ameaça” ao comunismo oficial (stalinista), cujos epígonos consideravam suas teorias como “desvios” perigosos, e, portanto, com severas limitações políticas. O “luxemburguismo” foi caracterizado como “semimenchevismo de revolução permanente” por Stálin (1947, p. 64), enquanto o “mariateguismo” foi acusado, dependendo de seus detratores, de ser populista, aprista, nacionalista e europeizante.¹³ Mas talvez seja justamente por não seguirem o figurino da esquerda oficial do século XX que os espectros de seus pensamentos ecoem tão vigorosamente no tempo presente. Basta mencionarmos, para ficar em apenas um exemplo, a influência incontestável dos movimentos sociais contemporâneos da América Latina, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pelas concepções teóricas e ideias políticas desses revolucionários marxistas (LOUREIRO, 2008; RUBBO, 2013a).

Por que a atenção precisamente a estes pensadores/revolucionários e não a outros? Por que não um Stálin ou um Victorio Codovilla? Simplesmente porque deixaram proposições e “valores” que são produto do resultado histórico e cultural de sua própria humanização, como a entrega absoluta e dedicação a uma causa digna de sacrifício, a defesa intransigente de um socialismo democrático – diferente das caricaturas do regime burocrático soviético –, a transformação da relação social entre mulheres e homens, a defesa na autonomia política da classe trabalhadora etc. Não parecem ser valores tão ruins. Vencidos da história, marginais na contracorrente de sua época, párias rebeldes¹⁴ das teorias asfixiantes em voga, solitários dissidentes, JCM e RL são

¹³ Entre acusações e defesas das mais diversas, Mariátegui foi disputado por uma variedade grande de tradições político-ideológicas, como pode ser observado, por exemplo, na coletânea organizada pelo argentino José Aricó (1978). Entre os colaboradores da coletânea encontrar-se-iam Carlos Manuel Cox que acusa Mariátegui por superestimar o proletariado em razão de seu marxismo “europeizado”, enquanto Miroshovski afirma que o intelectual peruano era um expoente do socialismo “pequeno burguês” e do “populismo” agrário. Ademais, Jorge del Prado colocaria Mariátegui em harmonia com a tradição comunista da Internacional Comunista como um “stalinista *avant la lettre*”.

¹⁴ Para maiores detalhes sobre o conceito de párias rebeldes, cf. Varikas (2014).

exemplos de uma *imprudência criadora* na seara do marxismo dogmático. Inspiram, hoje em dia, movimentos e organizações sociais a (re)pensar uma *práxis* política radicalmente anticapitalista com vocação emancipadora dos povos oprimidos do presente e do passado. Afinal, como diria Walter Benjamin (1994, p. 223) em sua segunda tese *sobre o conceito de história*, “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado pelas gerações precedentes e a nossa”.

Referências bibliográficas

- ARICÓ, José (org.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México: Cuadernos de Passado y Presente, 1978.
- BEIGEL, Fernanda. *El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético-político de José Carlos Mariátegui*. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CHIAPPE, Javier Mariátegui. *José Carlos Mariátegui: formación, contexto e influencia de un pensamiento*. Lima: Editorial Universitaria, 2012.
- FLORES GALINDO, Alberto. *Obras Completas, II*. Lima: Fundación Andina/ Sur Casa de Estudios del Socialismo, 1994
- LAMARQUE, Nydia. La vida heroica de Rosa Luxemburgo. *Amauta*, n. 28, Lima: Editora Amauta, 1930, p. 9-15. (fac-símile)
- _____. La vida heroica de Rosa Luxemburgo. *Amauta*, n. 29, Lima: Editorial Minerva, 1930a, p. 76-85. (fac-símile)
- _____. La vida heroica de Rosa Luxemburgo. *Amauta*, n. 30, Lima: Editorial Minerva, 1930b. (fac-símile)
- LÖWY, Michael. Comunismo y religión: la mística revolucionaria de José Carlos Mariátegui”. *Herramienta*, Buenos Aires, n. 51, p. 13-24, 2012.
- _____. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- _____. A significação metodológica da palavra de ordem “Socialismo ou barbárie”. In: *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LOUREIRO, Isabel. “Apresentação ao terceiro volume”. In: LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo: cartas* (volume III). São Paulo: Unesp, 2011, p. VII-XX.
- _____. Rosa Luxemburgo e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST. *Crítica Marxista*, n. 26, p. 105-116, , 2008.
- _____. *A revolução alemã (1918-1923)*. São Paulo: Unesp, 2005.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo, textos escolhidos, 1914-1919* (volume II). São Paulo: Unesp, 2011.
- _____. *Rosa Luxemburgo: cartas* (volume III) São Paulo: Unesp, 2011a.
- _____. Navidad en el asilo de noche. *Amauta*, n. 22, Lima: Editorial Minerva, 1929. (fac-símile)
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defesa do marxismo, polêmica revolucionária e outros escritos*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. La revolución Alemana. In: *Mariátegui total* (tomo I). Lima: Amauta, 1994, p. 867-873.
- _____. Hilferding y la social-democracia Alemana. In: *Mariátegui total*. Lima: Amauta, 1994a, t. I, p. 1032-1035.
- _____. La crisis del socialismo”. In: *Mariátegui total*. Lima: Amauta, 1994b, t. I, p. 973-988.
- _____. Política Alemana. In: *Mariátegui total*. Lima: Amauta, 1994c, t. I, p. 1070-1072.
- _____. El Hombre y el Mito. In: *Mariátegui total*. Lima: Amauta, 1994d, t. I, p. 497-499.
- _____. *La Agonía del Cristianismo* de Don Miguel de Unamuno. In: *Mariátegui total*. Lima: Amauta, 1994e, t. I, pp. 620-622.
- _____. Dos concepciones de la vida. In: *Mariátegui total* (tomo I). Lima: Amauta, t. I, p. 495-496.
- _____. Mensaje al Congreso Obrero. In: *Ideología y política*. Lima: Amauta, 1969, p. 111-116.

- OSHIRO, Jorge (1996). Agonía y Mito. Dos fuentes del pensamiento filosófico de Mariátegui: Unamuno y Sorel. *Anuario Mariateguiano*, n. 8, Lima: Amauta, pp. 15-52, 1996.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e a Rússia. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura* (organização, tradução e prefácio Luiz Bernardo Pericás). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 7-35.
- RUBBO, Deni Ireneu Alfaro. “Heresias revolucionárias na América Latina: de José Carlos Mariátegui aos movimentos populares contemporâneos – Entrevista com Miguel Mazzeo”. *Revista Lutas Sociais*, São Paulo, n. 30, p. 95-107, 2013.
- _____. Periférico e cosmopolita: José Carlos Mariátegui, sentinela do internacionalismo na América Latina. *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 21, p. 65-77, 2013a.
- STÁLIN, Joseph. A propos de quelques problèmes de l’histoire du bolchévisme. In: STÁLIN, Joseph. *Les questions du léninisme*. Paris: Sociales, 1947, t. II, p. 60-71.
- UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Ediciones Orbis, 1984.
- VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. São Paulo: Unesp, 2014.